

# Ellen White e a Teologia Adventista

*Herbert E. Douglass*

Ellen G. White e a Igreja Adventista do Sétimo Dia encontram-se tão integradas quanto a união dos dialetos anglo-saxônicos na formação da língua inglesa. Outros têm observado que Ellen White, “durante um período longo de vida,... exerceu a mais poderosa influência de uma só pessoa sobre crentes adventistas do sétimo dia”.<sup>1</sup> “A Sra. White era a inspiração reconhecida do movimento... Suas idéias estabeleceram o mundo do adventismo em sua obra médica, educacional e missionária ao redor do mundo.”<sup>2</sup>

Tiago White, seu marido, desenvolveu as instituições e organizou a igreja com notável desembaraço. Ellen, a seu lado, animada com santa sinceridade e dedicação de aço, encorajou o movimento adventista emergente com suas visões. Seu otimismo e encorajamento inflexíveis tornaram-se o centro de inspiração para uma obra internacional que ultrapassa, em alguns aspectos, todas as outras afiliações religiosas hoje.

Sim, esta equipe administrador/profetisa fez seu trabalho sem apelar a temor ou favor. Edificaram uma igreja mundial, não um império pessoal de poder e riqueza. Nem um nem outro reclamou recompensa ou confortos terrenos.

De um lado, destemidamente denunciaram males na ordem social; de outro, levaram dezenas de milhares a obter uma visão de como o evangelho traz restauração espiritual e física nesta vida. Dessa dupla ênfase emergiu uma rede mundial de instituições médicas e educacionais, apoiadas por dezenas de casas publicadoras e um alcance missionário global. Mas essa dupla ênfase era subordinada à motivação irresistível de que estavam preparando um povo para a breve volta do Senhor.

Ellen White, a força diretriz inquestionável por trás deste programa mundial, é considerada a segunda autora com mais obras traduzidas na história e a autora norte-americana mais traduzida. Durante seu ministério de 70 anos, ela escreveu aproximadamente 25 milhões de palavras e 100.000 páginas de manuscritos (60.000 páginas datilografadas) que incluem cartas, diários, artigos em revistas e livros.

Os adventistas do sétimo dia têm procurado seu conselho em praticamente todas as questões que a igreja enfrenta. Seus escritos volumosos, bem organizados e com índice, são lidos e discutidos em grau muito maior do que os metodistas citam John Wesley ou os luteranos os escritos de Martinho Lutero.

## O Tema do Grande Conflito

O que faz de Ellen White a figura central no desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a principal contribuidora à natureza única do adventismo? A doutrina adventista não se deriva de Ellen White; a Bíblia é sua fonte inegável. A singularidade da mensagem adventista, contudo, repousa sobre o pensamento aglutinante, organizador de Ellen White. Muito do que é distintivamente adventista em sua mensagem rica e sistematicamente desenvolvida resulta, com efeito, da visão panorâmica que Ellen White tinha da Bíblia — visão expressa em sua ênfase sobre o Tema do Grande Conflito. Deste princípio integrador flui o nexos adventista entre estudo da Bíblia e piedade, a ênfase especial sobre a relação entre saúde física e espiritualidade e o conceito de totalidade no desenvolvimento de princípios educacionais.

Que queremos dizer com o Tema do Grande Conflito (TGC)? Como os estudantes sabem, toda teologia ou filosofia relevante tem um princípio organizador. Este princípio, ou paradigma, torna-se visível em sua filosofia ou teologia. O TGC de Ellen White fornece o princípio organizador e integrador para seus ensinamentos sobre saúde, educação, história e ciência.

Para Ellen White, “o tema central da Bíblia, o tema em redor do qual giram todos os outros no livro, é..., a restauração da imagem de Deus na alma humana... Aquele que apreender este pensamento tem diante de si um campo infinito para estudo. Possui a chave que lhe abrirá todo o tesouro da Palavra de Deus”.<sup>3</sup> A singularidade do adventismo não se localiza em algum elemento particular de sua teologia, mas na compreensão abarcante deste “tema central da Bíblia”.

Se já é difícil para a mente humana imaginar um acontecimento como o conflito cósmico entre Deus e Satanás, muito mais difícil será entender seus desdobramentos e implicações literais. A questão fundamental permanece até hoje: Que plano é o melhor para o universo? O apelo de Deus à responsabilidade angélica/humana, ou a teoria de Satanás de autonomia individual?

## O âmago do conflito

O âmago deste conflito enfoca o caráter de Deus. Satanás alegou que Deus é injusto, inexorável, arbitrário e supremamente egoísta. A defesa de Deus tem sido tanto passiva como ativa — passiva no sentido de que Ele permitiu que o tempo passasse para que os princípios de Satanás fossem vistos em seu caráter destrutivo; ativa no sentido de que Ele revelou Seu caráter e confiabilidade de modo que todos os habitantes do universo pudessem concluir quem teria tido razão na controvérsia.<sup>4</sup>

Ellen White captou a visão mais ampla do conflito quando escreveu: “Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à

Terra; não foi simplesmente para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem considerar a lei de Deus como devia ela ser considerada; mas foi para reivindicar o caráter de Deus perante o Universo”.<sup>5</sup>

A essência da resposta de Deus às acusações de Satanás tem sido demonstrar o resultado de Seu plano — “a própria essência do evangelho é restauração”.<sup>6</sup> Restauração, não apenas perdão! O plano de Deus (que conhecemos como o “evangelho”), mostra quão séria é a intenção divina de eliminar o pecado do universo, uma pessoa de cada vez, transformando rebeldes em filhos e filhas gratos e dignos de confiança.

Para esclarecer o “evangelho eterno” que o mundo precisa ouvir nestes últimos dias (Apocalipse 14:6, 7), a mensagem dos adventistas do sétimo dia precisaria transcender as controvérsias milenares que dividem a fundo o cristianismo. Ademais, o “evangelho eterno” precisaria ser expresso de tal modo que centenas de milhões de maometanos, hindus, budistas e outros pudessem compreender a novidade e simplicidade do cristianismo.

O TGC de Ellen White transcende essas tensões, paradoxos e contradições tradicionais. Teologias e filosofias rivais são como dois círculos de verdades parciais, sem que um círculo saiba como se unir com o outro num todo coerente e elíptico. O TGC muda aqueles círculos opostos numa elipse. Usando o princípio da elipse, cada círculo acha suas verdades preciosas preservadas com segurança, e até mesmo grandemente realçadas. Na elipse, a verdade é unida de tal modo que todas as suas partes, dantes em conflito, são vistas como necessárias para a sobrevivência mútua.

## **Componentes da verdade**

A verdade não é a soma de paradoxos. A verdade é a união de componentes, de tal modo que quando um componente não é unido ao outro, algo sério ocorreu à verdade. Por exemplo, H<sub>2</sub>O é outro modo de dizer “água”. Hidrogênio ou oxigênio a sós são importantes. Mas sem a união apropriada, não existe água. A questão sobre se o hidrogênio ou o oxigênio é mais importante torna-se sem sentido — se a gente quer água para beber! A mesma lógica se aplica aos componentes na elipse da verdade.

Na filosofia ou teologia, os dois círculos são geralmente conhecidos como “objetivismo” e “subjetivismo”. Eminentemente pensadores podem ser alistados num círculo ou noutro. Por exemplo, em subjetivismo epistemológico (*imanência* — a “verdade” é achada na razão, no sentimento, na pesquisa, etc.) esperaríamos ver Platão, Aristóteles, Aquino, Hegel, Schleiermacher, Bultmann, Hartshorne, etc. No objetivismo epistemológico (*transcendência* — a “verdade” vindo de fora de homens e mulheres) achamos a comunicação que Deus faz de Si na Bíblia e em Jesus, e podemos pensar em advogados como Lutero, Calvino, Barth, etc. A história da Igreja Cristã é a história de que um círculo é predominante em

dado momento. A oscilação entre os dois ocorre quando se procura retificar as deficiências do outro. Excesso de ênfase sobre transcendência (levando à fria ortodoxia não temperada por relevância) invariavelmente desperta excesso de ênfase sobre imanência (levando à autonomia da razão e do sentimento, sem ser temperada pela revelação).

Hoje freqüentemente nos referimos ao círculo objetivo como “conservador”, e ao outro, “liberal”. Cada círculo enfatiza algo correto e oportuno. Palavras chaves para conservadores são: *transcendência, autoridade, raiz, lei, estrutura, segurança e graça* — todos eles termos bons que se devem conservar. A fraqueza histórica do objetivismo, ou conservatismo, é freqüentemente uma falta de compreensão do caráter de Deus (e.g. Calvino e seu Deus soberano levando à predestinação, inferno eterno, etc.) que, por sua vez, leva a uma falta de compreensão da “fé”. Quando a fé é mal compreendida “crê somente” é ouvido de alguma forma, levando à passividade, à “doutrina correta” e à supressão de relevância.

Palavras chaves para liberais são: *imanência, responsabilidade, razão, flexibilidade, significado, relevância e fé* — também bons termos aos quais se apegar. A fraqueza histórica do liberalismo jaz em sua subjetividade. Pietistas, místicos, racionalistas, carismáticos (e quem quer que ponha a autonomia humana “à frente” de verdades divinamente reveladas) fundam sua segurança sobre a razão, intuição ou pesquisa histórica. Raramente se apela a absolutos. A fé é mal entendida de novo, e ela descreve sentimento religioso que leva a testes autônomos da verdade.

Ellen White compreendeu o impasse histórico entre esses dois círculos: “O progresso da reforma depende de um claro reconhecimento da verdade fundamental. Se, de um lado, espreita o perigo em uma estreita filosofia e numa rígida e fria ortodoxia, há por outro lado, maior perigo num descuidoso liberalismo. O fundamento de toda reforma estável é a Lei de Deus. Cumpre-nos apresentar em linhas distintas e claras a necessidade de obedecer a essa lei.”<sup>7</sup> Aqui de novo Ellen White permite que o TGC determine sua solução transcendental para a velha controvérsia entre o plano de Deus e a rebelião de Satanás.

## **Verdade em forma elíptica**

“Rígida e fria ortodoxia” e “descuidado liberalismo” são os resultados finais de se permitir que a verdade fique em dois círculos em vez de permitir que a verdade seja verdade em sua forma elíptica. Ellen White transcende estes dois círculos unindo autoridade e responsabilidade, segurança doutrinária e segurança de coração, de modo que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não precisa recair nos argumentos teológicos que dividem todas as outras igrejas. A elipse da verdade mostra como opiniões importantes, tradicionalmente em conflito, são unidas pelo santo e — falado ou implícito.

O TGC de Ellen White tornou-se o arcabouço elíptico mediante o qual ela pôde transcender os argumentos que separaram cristãos durante séculos. Nos exemplos seguintes, notem a elipse da verdade que une verdades gêmeas tão intimamente como o hidrogênio se liga ao oxigênio para fazer água:

*A relação entre a obra de Cristo sobre a cruz e a obra do Espírito Santo:* “(O Espírito Santo) ia ser dado como agente de regeneração, sem o qual o sacrifício de Cristo de nenhum proveito teria sido... É o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo.”<sup>8</sup>

*A relação entre o papel de Cristo como Sacrifício/Salvador e como Sumo Sacerdote/Mediador:* “Satanás concebe inumeráveis planos para nos ocupar a mente, para que ela se não detenha no próprio trabalho com que deveremos estar mais bem familiarizados. O arquienganador odeia as grandes verdades que apresentam um sacrifício expiatório e um todopoderoso Mediador. Sabe que para ele tudo depende de desviar a mente, de Jesus e de Sua verdade.”<sup>9</sup>

*A relação entre crer em Cristo e habitar nEle:* “não basta que o pecador creia em Cristo, para obter o perdão do pecado; deve, pela fé e obediência, permanecer nEle.”<sup>10</sup>

*A relação entre o dom gratuito de Cristo de remir pecados e a dádiva de Seus atributos no desenvolvimento do caráter cristão:* “Sua vida (de Cristo) substitui a dos homens. Assim obtêm remissão de pecados passados, mediante a paciência de Deus. Mais que isso, Cristo lhes comunica os atributos divinos. Forma o caráter humano segundo a semelhança do caráter de Deus, uma esplêndida estrutura de força e beleza espirituais. Assim, a própria justiça da lei se cumpre no crente em Cristo.”<sup>11</sup>

*A relação entre justiça imputada e justiça comunicada:* “Nosso único motivo de esperança está em ser-nos imputada a justiça de Cristo — essa justiça produzida pelo Seu Espírito a operar em nós e por nós.”<sup>12</sup>

*A relação entre autoridade objetiva e responsabilidade subjetiva na experiência da fé:* “A fé em Cristo, como o Redentor do mundo, exige o reconhecimento de uma inteligência esclarecida, dirigida por um coração que pode discernir e avaliar o tesouro celestial. Essa fé é inseparável do arrependimento e transformação do caráter. Ter fé significa achar e aceitar o tesouro do evangelho com todos os deveres que o mesmo impõe.”<sup>13</sup>

*A relação entre a obra de Deus e nossa obra no processo da salvação:* “Deus trabalha e coopera com os dons que Ele comunicou ao homem, e este, sendo participante da natureza divina e fazendo a obra de Cristo, pode ser um vencedor e ganhar a vida eterna. O Senhor não tenciona realizar a obra que Ele concedeu ao homem poderes para efetuar. A parte do homem precisa ser realizada. Ele deve ser cooperador de Deus, jungindo-se a Cristo. (...) Deus é o poder que domina sobre tudo. Ele concede os dons; o homem os recebe e age com o poder da graça de Cristo como instrumento vivo. (...) O poder divino e a atuação humana combinados serão um êxito total, pois a justiça de Cristo cumpre tudo.”<sup>14</sup>

## A ruptura transcendental de White

Por causa de sua compreensão do TGC, que a ajudou a transcender os impasses teológicos convencionais, Ellen White pôde manter a denominação unida durante a Assembléia da Associação Geral de 1888 e nos anos subseqüentes. Ela pôde elevar a visão dos adventistas ao ajudá-los a erguer-se acima dos objetivistas (com sua ênfase indevida sobre doutrina) e dos subjetivistas (com sua ênfase indevida sobre sentimento e autonomia humana).

Note como Ellen White contribuiu para uma ruptura transcendental: “Enquanto uma classe de pessoas deturpa a doutrina da justificação pela fé e deixa de aceder às condições estabelecidas na Palavra de Deus — ‘Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos’ — há um erro tão grande como este da parte dos que pretendem crer nos mandamentos de Deus e obedecer-lhes mas se colocam em oposição aos preciosos raios de luz — novos para eles — refletidos da cruz do Calvário. A primeira classe não vê as maravilhosas coisas na lei de Deus para todos os que são praticantes de Sua Palavra. Os outros sofismam acerca de insignificâncias e negligenciam a questões mais importantes, a misericórdia e o amor de Deus.

“Muitos têm perdido muita coisa por não haverem aberto os olhos de seu entendimento para discernir as maravilhosas coisas da lei de Deus. Por outro lado, os religionistas em geral divorciam a lei do evangelho, ao passo que nós, por outra parte, quase fizemos o mesmo de outro ponto de vista. Não expusemos às pessoas a justiça de Cristo e a ampla significação de Seu grande plano de redenção. Deixamos de lado a Cristo e Seu incomparável amor, introduzimos teorias e raciocínios, e pregamos sermões argumentativos.”<sup>15</sup>

A teologia é importante. Teologia correta é mais importante ainda. Ellen White tornou-se a razão da peculiaridade adventista que une verdades separadas de há muito em uma afirmação coerente, intelectualmente satisfatória, reconfortante que João viu como “o evangelho eterno” nos últimos dias.

*Herbert E. Douglass (Th.D., Pacific School of Theology) escreveu onze livros e muitos artigos. Seu último livro, Messenger of the Lord, a ser publicado pela Pacific Press, enfoca Ellen G. White como conceptualista teológica.*

---

## Notas e referências

1. *Dictionary of American Biography*, Vol. XX, pág. 99.
2. “The Story of Religions in America—Seventh-day Adventists”, *Look* XXII (24 de junho de 1958), pág. 79.

3. *Educação* (Tatuí, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977), págs. 125, 126.
4. *Caminho para Cristo* (Sto. André, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1984), págs. 10, 11.
5. *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995), pág. 68.
6. *O Desejado de Todas as Nações* (Sto. André: S. Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1979), pág. 788.
7. *A Ciência do Bom Viver* (Sto. André, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977), pág. 129.
8. *O Desejado de Todas as Nações* (Sto. André, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1979), pág. 646.
9. *O Grande Conflito* (Tatuí, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988), pág. 488.
10. *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995), pág. 517.
11. *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990), pág. 733.
12. *Caminho para Cristo* (Sto. André, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1984), pág. 63.
13. *Parábolas de Jesus* (Sto. André, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira), pág. 112.
14. *Fé e Obras* (Sto. André, S. Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1981), pág. 23.
15. *Ibidem*, pág. 13.